***O caso da Escola de Farmácia e Odontologia por um viés de Gênero***

Isabella Bonaventura de Oliveira[1]

## *Introdução*

A partir dos questionamentos iniciais da pesquisa: *O Caso da Escola de Farmácia e Odontologia por um viés de gênero*[2] pretende-se discutir de que maneira - na Primeira República - grupos de farmacêuticos e dentistas paulistas firmaram alianças a fim de estabelecerem-se como cientistas a serviço da nação. A criação de uma instituição de ensino separada da medicina[3] foi considerada por esses grupos enquanto saída estratégica para estabelecer e fortalecer uma identidade profissional.

Esta pesquisa não considerará a Farmácia e a Odontologia enquanto áreas de conhecimento já existentes e aprimoradas pelos esforços isolados dos cientistas, que reuniram provas advindas da leitura objetiva e desinteressada da natureza[4]. Através de uma abordagem histórica, desconfia-se da estabilidade que essas profissões gozam atualmente, apresentando-se como resultado de ações sociais ou naturais. Em diálogo com Bruno Latour, considera-se que (LATOUR, 1994, p. 126):

> Se ao invés de ligarmos os pobres fenômenos às amarras sólidas da natureza e da sociedade, deixarmos que os mediadores produzam as naturezas e as sociedades, teremos invertido o sentido das transcendências modernizadoras. Naturezas e sociedades transformam-se nos produtos relativos da história.

Nesse sentido, o processo de institucionalização da Farmácia e da Odontologia não será compreendido pelo viés da purificação natural ou social (Idem.). Compreende-se que o processo de purificação é um momento da atividade científica, porém, o nascimento de ontologias situa-se no meio do caminho (Idem.): no momento em que homens, mulheres, compostos químicos, boca, espaços de ensino, revistas e sociedades científicas estão misturados, estabelecendo mediações. Ao analisar de que maneira a Farmácia e Odontologia

---

[1] Mestranda do programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

[2] Pesquisa de mestrado, iniciada em fevereiro de 2015 no programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo, com apoio da CAPES.

[3] A Reforma Leôncio de Carvalho, promulgada em 19 de abril de 1879: "Definia que, em cada uma das Faculdades de Medicina, estaria uma escola de farmácia, um curso de obstetrícia e ginecologia e de cirurgia dentária" (MELO; MACHADO, 2009, p.300).

[4] Isabelle Stengers aborda a importância da objetividade na consolidação do 'ethos científico' moderno. Porém a autora destaca que esse conceito de objetividade é vazio, pois o cientista só consegue explicá-lo a partir de seu oposto: a opinião – considerada irracional, subjetiva e inadequada à formação de conhecimento (STENGERS, 2013, p.35).

estabeleceram-se como áreas científicas reconhecidas na Primeira República, este trabalho tampouco pretende ‘capturar’ os agentes envolvidos, reduzindo-os à simples resultados do contexto histórico - que delimitaria os futuros e não permitia qualquer devir (STENGERS, 2013).

Desta forma, tomando como ponto de partida os discursos veiculados pelos periódicos da *Sociedade Farmacêutica Paulista* e da *Sociedade Odontológica Paulista*, almeja-se analisar conjuntamente as lutas pela criação de uma faculdade autônoma e a entrada de mulheres nessas profissões.

***Apresentação do tema de pesquisa***

Em seu livro Natureza e Cultura no Brasil, Luciana Murari argumenta que após 1870 fortaleceu-se um projeto político e intelectual modernizador de caráter progressista, segundo o qual a administração nacional deveria espelhar-se nas instituições e modos de vida europeus (MURARI, 2009). Em conformidade com essa perspectiva, nos anos iniciais do século XX as populações pobres e negras foram retiradas das áreas centrais das cidades (NEEDELL, 1993), pois seus comportamentos eram considerados inadequados (SANTOS, 2008) e seus corpos portadores de doenças (SEVCENKO, 2010).

Nesse sentido, os projetos republicanos constituíram-se, essencialmente, nos binômios ignorância/doença enquanto problemas a serem solucionados pela saúde/educação (SILVA, 2014, p. 33):

> Tais avaliações se basearam, por um lado, na visão da ignorância e das doenças como dados que dificultariam o soerguimento de um governo plenamente republicano; em direção contrária, a busca pela educação e saúde serviria para auxiliar na construção do que se imaginava ser o caminho da modernização do país e do estado.

Em diálogo com as tais propostas republicanas, algumas profissões da área de saúde – como a Medicina, a Farmácia e a Odontologia - atribuíram-se da tarefa de ‘civilizar’ a nação por meio de ações de saúde pública e higiene (SILVA, 2014). Além de uma agenda sanitária, as políticas modernizadoras da Primeira República evocaram a educação como importante fator para modernização e progresso nacional, nesse sentido, Ana Paula Martins pontua que a mulher desse período assumiu uma nova tarefa política frente ao Estado: formar e educar os

futuros cidadãos, pois caberia às mães conhecer e transmitir aos seus filhos as concepções de saúde higiênica e educação cívica (MARTINS, 2004). Nesse momento as mulheres adquirem a tarefa de difundir e fortalecer os saberes médicos, a fim de englobarem (SLOTERDIJK, 2004) a maior quantidade possível de cidadãos tanto dessa geração quanto das seguintes.

Porém, tais mulheres e seus corpos também foram englobados pelas concepções de saúde e educação do período. Estudos médicos desenvolvidos a partir do século XIX embasaram concepções de identidade de gênero, definindo, assim, as competências e o lugar social relativo a mulheres e homens (ROHDEN, 2009). Tal abordagem classificatória utilizada pela medicina estabelecia uma dualidade intransponível e a-histórica entre os sexos, segundo a qual os homens seriam dotados de virilidade, ousadia e liderança, enquanto as mulheres se definiriam por traços maternais, altruístas e voltados à subordinação (Idem.).

Considera-se que a análise do processo de profissionalização da Farmácia e da Odontologia em São Paulo – na primeira república – fica empobrecida caso se ignore a discussão de gênero que a permeia. Para tanto, é possível observar como os argumentos que almejavam estabelecer uma identidade (FOUCAULT, 1985) – para farmacêuticos e dentistas – dialogavam com os debates do período sobre a existência de aptidões restritas e naturalizadas para mulheres e homens. Em concordância com Joan Scott (1989), essa pesquisa considera que a formação de mulheres em Farmácia e Odontologia não é um fenômeno separado do processo de institucionalização dessas áreas, tampouco é a resultante de um "progresso histórico", segundo o qual as mulheres teriam gradativamente acesso a profissões já cristalizadas - ou seja, com seu conjunto de saberes, práticas e objetos já definidos.

Deseja-se refletir de que maneira tais agentes - grupos de farmacêuticos/as, medicamentos, os/as dentistas, boca, médicos (por exemplo) – ora reuniram-se, ora distanciaram-se a fim de criarem espaços de atuação e discurso. Dessa maneira, a entrada de mulheres nas profissões de Farmácia e Odontologia será discutida enquanto aspecto constituinte da construção da identidade profissional que essas áreas de saber adquiririam na primeira república. Através de uma análise situada (STENGERS, 2013), deseja-se discutir como os papéis sociais relegados a homens, mulheres, farmacêuticos e dentistas foram delineados – e questionados - pelos discursos e práticas do período.

***Farmácia e Odontologia em São Paulo: um 'novelo de redes'.***

Farmacêuticos e dentistas paulistas buscaram estabelecerem-se como cientistas a serviço das políticas modernizadoras da Primeira República. Para tanto, esses setores criaram e divulgaram - entre a última década do século XIX e a primeira do século XX - uma série de publicações com o intuito de agremiar a maior quantidade possível de aliados e se instituírem como cientistas respeitados. Nesse sentido, o editorial da Revista Farmacêutica de Maio de 1895 destacou (REVISTA FARMACÊUTICA[5], 1895, p.01):

> Como foi que os nossos colegas d'além mar [europeus] conseguiram elevar a nossa classe? Instruindo-se, formando associações e criando revistas profissionais. Trataremos, pois, de imitá-los e conseguiremos certamente o nosso *desideratum* [desejo].

Tal aspecto também se relaciona ao próprio contexto de criação dos periódicos paulistas especializados em farmácia e odontologia, pois eles eram vinculados às recém-fundadas sociedades científicas. A *Revista Farmacêutica*, por exemplo, foi criada em 1895 pela *Sociedade Farmacêutica Paulista*, essa publicação circulou até 1914 - sendo interrompida sua circulação entre 1903 e 1905. Durante esses dois anos, farmacêuticos associaram-se aos dentistas, e lançaram a *Revista Farmacêutica e Odontológica* (1903 a 1905). Finalmente, após a criação da *Sociedade Odontológica Paulista* (1905) dentistas e farmacêuticos voltaram a manter periódicos distintos, foi criada a *Revista Odontológica Paulista* que circulou entre 1905 e 1911 e a *Revista Farmacêutica* foi retomada, perdurando até 1914.

Nesse primeiro momento, as sociedades científicas utilizaram-se dos periódicos como seus porta-vozes (LATOUR, 2011), fomentando o estabelecimento de relações entre farmacêuticos, médicos e profissionais da saúde pública de diferentes localidades (inclusive de fora do país). Tais revistas também eram um espaço de fala e agremiação para farmacêuticos e dentistas, a partir dos quais eles poderiam divulgar e reafirmar discursivamente sua relevância à saúde pública e às políticas republicanas, assim como veicular e estabelecer os saberes científicos considerados relevantes à profissão.

[5] Revista Farmacêutica, vol. 01, n. 01, 15 de maio de 1895. P.01- 02.

Destaca-se que esses grupos não circularam seus discursos[6] em num espaço vazio: outras redes, agentes e significados estavam estabelecidos e, não poucas vezes, competiam por espaço e preponderância. Nesse sentido, farmacêuticos e dentistas embora buscassem criar espaços de atuação desvinculados da medicina, utilizavam-se do lugar de fala prestigiado que essa última dispunha no período, assim como, da importância que a saúde pública havia adquirido junto à educação nos projetos modernizadores da primeira república.

Desta forma, aproximar-se dos médicos, mesmo que temporariamente, significava aliar-se às políticas sanitárias da república, distanciando-se, assim, de práticas de cura consideradas 'atrasadas', como as de ervanários, farmacêuticos e cirurgiões dentistas práticos. A profissão de dentista, por exemplo, ao longo do século XIX mantinha uma fama de atividade puramente mecânica e desenvolvida por escravos (PIMENTA, 2004). Enquanto o farmacêutico era considerado um comerciante, pois (MARQUES, 2009, p.177):

> Nas boticas oitocentistas vendia-se mais do que remédios e franguinhos para os caldos e as canjas medicinais, realizando-se ali também grandes transações, que iam desde negócios com casas e capturas de escravos até assinaturas para impressão de gramática.

A fim de fortalecerem alianças e se estabelecerem enquanto produtores de um discurso científico, farmacêuticos e dentistas paulistas reunidos em sociedades especializadas também buscaram associar-se aos não-humanos (LATOUR, 2004) – compostos químicos, receitas de remédios, boca, músculos, dentes. Tais misturas oficiosas eram divulgadas na imprensa científica pelo viés da purificação, colocando esses profissionais como leitores objetivos dos sinais emitidos pela Natureza, assim como os médicos. O objetivo era diferenciar-se de curandeiros e ervanários que não estariam qualificados para 'lerem' tais sinais, pois se considerava que eles os 'misturariam' com suas vontades e anseios religiosos.

Nesse sentido, um artigo publicado na *Revista Odontológica Paulista* em janeiro de 1908 argumentava (REVISTA ODONTOLÓGICA[7], 1908, p.18):

> Se tantos cabedais científicos são exigidos pelas leis, como tolerar o exercício da odontologia por aqueles que são inteiramente leigos na matéria e alguns até analfabetos. Do mesmo modo que o médico é ginecologista, parteiro, cirurgião, especialista de sífilis, da

---

[6] Considera-se discurso segundo Michel Foucault: "Essas relações [discursivas] caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática." (FOUCAULT, 2012, p.56).

[7] SALGADO, V. Exercício ilegal da odontologia – Memória apresentada ao 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. In: Revista Odontológica Paulista, vol. 04, n. 02, janeiro de 1908. P.16-20.

> garganta, de olhos, ouvidos. Porque não considerar a odontologia uma especialidade, um ramo dessa grande ciência.

No âmbito da Farmácia, a *Revista Farmacêutica* em artigo de agosto de 1896 destacou (REVISTA FARMACÊUTICA[8], 1896, p. 49): "O farmacêutico não é como pensam, um simples negociante sem responsabilidades (...) o farmacêutico é também um industrial e sobretudo um homem de ciência." A fim de se desvincularem da imagem do comerciante, os farmacêuticos aliaram-se aos fenômenos e compostos químicos, alegando que (REVISTA FARMACÊUTICA E ODONTOLÓGICA[9], 1903, pp. 70-71):

> Na farmácia e na medicina, com raras exceções, ela [a química] prepara todos os medicamentos e fornece todos os materiais técnicos. (...) É coisa singular! Essa química é o produto da evolução do homem primitivo.

Por meio das publicações oficiais, farmacêuticos e dentistas paulistas reunidos em sociedades científicas estabeleceram alianças com profissionais de outras localidades e com os quase-objetos (LATOUR, 2004) - como a anatomia e a química. A criação dessas redes é essencial para que tais setores possam se colocar na posição de produtores de conhecimento científico, pois "A construção do fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos." (LATOUR, 2011, p.60).

**Farmácia e Odontologia – Formação de uma identidade profissional.**

Dessa maneira, farmacêuticos e dentistas paulistas procuraram se institucionalizar enquanto grupo(s) capaz(es) de gerar saberes científicos e contribuir para o projeto modernizador republicano. Através da fundação de Sociedades científicas e da publicação de periódicos especializados, esses grupos demonstraram suas alianças com os não-humanos (LATOUR, 2004) e buscaram conexões com profissionais de outras áreas e localidades. Outra estratégia empreendida pelos farmacêuticos e dentistas foi vincularam-se ao lugar de fala já bem estabelecido da Medicina, a fim de diferenciarem-se e substituírem os chamados 'conhecimentos populares' dos ervanários e curandeiros.

Porém permanecerem vinculados aos médicos não seria suficiente para que farmacêuticos e dentistas atingissem seu objetivo de criar um espaço de ensino e um campo

---

[8] *O Preço dos Medicamentos*. In: Revista Farmacêutica, vol. 02, n.04, 15 agosto de 1896. P. 48-49.

[9] *Conferência feita no 'Salão Steinway' sobre a ciência e especialmente a química, pelo farmacêutico Reynaldo Ribeiro*. In: Revista Farmacêutica e Odontológica, vol.07, n.05, 30 de maio de 1903. P.65-71.

profissional e científico autônomos. Tal aspecto pode ser percebido em artigo de setembro de 1898 (REVISTA FARMACÊUTICA[10], 1898, P.78): "O médico está para o farmacêutico como a grande árvore está para o pequeno arbusto, a grande árvore desenvolve-se e cresce, estendendo seus frondosos galhos sobre o arbusto que definha e morre.".

Sendo assim, surgiu a necessidade de criar um espaço específico à Farmácia, no qual as necessidades específicas de seus objetos e profissionais pudessem ser atendidos. Poucos anos depois, a partir de 1903 com a fundação da *Revista Farmacêutica e Odontológica*, percebe-se que os dentistas também iniciam um movimento de individuação, com o objetivo de criar um espaço mais adequado às suas necessidades. Desta forma, tais setores buscaram delinear uma identidade profissional 'científica', para tanto, buscou-se delimitar, para todas as vezes, quais seriam os saberes, objetos e práticas desejáveis, assim como, quais sujeitos não estariam autorizados a desempenhar práticas de cura. Em relação a essa vontade individuação e demarcação de uma subjetividade específica, Michel Foucault ressalta:

> Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana e imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos.

Nesse momento as revistas especializadas publicaram numerosos artigos que pontuavam as especificidades da Farmácia e da Odontologia em relação à Medicina, visando manter uma identificação mais direta entre os primeiros e os anseios modernizadores da Primeira República. Nesse sentido, a *Revista Farmacêutica* frisou a importância de seus profissionais para saúde pública, atuando na manipulação dos medicamentos (REVISTA FARMACÊUTICA[11], 1895, p.60):

> Uma boa farmácia, isto é, a preparação conscienciosa dos medicamentos, sua qualidade irreprochável e uma dosagem de perfeita exatidão constituem condições indispensáveis para a eficácia de qualquer medicina; e se esta condição de boa farmácia não for preenchida, os esforços do médico serão nulos – seja qual for o seu saber, seja qual for a sua experiência.

---

[10] *Escola Livre de Farmácia e Arte Veterinária e o projeto de regulamento para o exercício da farmácia*. In: Revista Farmacêutica, vol. 04, s/n, setembro de 1898. P.77-84.

[11] D'AZIR. *De Mês em Mês* In: Revista Farmacêutica, vol. 01, n. 03, 15 de julho de 1895. P.59-62.

A *Sociedade Odontológica Paulista* por meio de seus artigos concentra-se em destacar seu papel na manutenção da saúde bucal do cidadão, destacando como seu principal objetivo zelar pela saúde das famílias: "A nobreza da nossa profissão tem a sua base no santuário das famílias, é com elas que nós privamos, desde a classe desfavorecida da fortuna até a mais elevada" (REVISTA ODONTOLÓGICA[12], 1906, p. 28).

A criação de uma faculdade autônoma seria um passo estratégico nesse processo de formação de uma identidade profissional, pois ampliaria a quantidade de profissionais atuantes, resultando em mais alianças – fator que proporcionaria maior força política e científica. A intenção era englobar (SLOTERDIJK, 2004) as práticas de cura desempenhadas por ervanários e curandeiros, assim como padronizar a formação das futuras gerações de farmacêuticos e dentistas, que deveriam ser treinados para estabelecer com os não-humanos (LATOUR, 2004) uma relação objetiva (STENGERS, 2013, p.35), e portanto científica.

***Farmácia e Odontologia por um viés de gênero.***

As sociedades científicas de farmacêuticos e dentistas – por meio dos artigos veiculados em seus periódicos – desejavam expandir o espaço de atuação dessas áreas, estabelecendo-as como portadoras de um discurso objetivo a serviço da nação. Tais grupos também ambicionaram expandir suas redes de aliados e de poder – englobando os adversários[13] - aumentando o número de profissionais atuantes e delimitando quais seriam os conhecimentos que as futuras gerações de profissionais deveriam dispor.

Durante os anos finais do XIX, a *Sociedade Farmacêutica* iniciou uma campanha pela criação de um espaço de ensino voltado exclusivamente à formação em Farmácia, tais esforços culminaram na fundação da *Escola de Farmácia* em 1898. Tal instituição anexaria os cursos de Odontologia e Obstetrícia em 1903 formando nesse momento a *Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia de São Paulo*.

É possível realizar um interessante diálogo entre o caso da *Escola de Farmácia e Odontologia* e as proposições de Isabelle Stengers em seu texto *L'Étoffe Du Chercheur* (STENGERS, 2013). Na medida em que grupos de farmacêuticos e dentistas criaram uma

---

[12] SALGADO, Vieira. *Discurso pronunciado pelo Dr. Vieira Salgado, em sessão solene de posse, na sede da Sociedade Odontológica Paulista*. In: Revista Odontológica Paulista, vol. 02, n. 08, setembro de 1906. P.27-29.

[13] Apesar da proibição legal, as práticas de cura desempenhadas por curandeiros, ervanários e barbeiros eram muito difundidas: "Os reclames de remédios secretos evidenciavam a continuidade dessas preparações no Oitocentos, à revelia das ordens emanadas da Fiscatura-mor, nas quais constava a obrigatoriedade de comunicar as fórmulas desses medicamentos para que fossem estudados pelas autoridades competentes.". (MARQUES, 2009, p.177).

instituição de ensino, essa última passaria a propagar, criar e estimular a formação dos 'verdadeiros cientistas'. Embora, usualmente tal processo seja abordado de forma linear e neutra, Stengers destaca o aspecto genderizado e disciplinar que envolve a concepção moderna de prática científica, segundo a qual tudo o que possa levar o pesquisador viril e destemido à hesitação deve ser descartado. A autora compara essa postura ao caminhar de um sonâmbulo (Ibid., p.39): "*Le somnambule est toujours perché sur le faîte d'un toit, sur lequel Il deambule sans vertige, peur ou hesitation. Sans se poser de questions qui le perturberaient*.".

Stengers destaca o ambiente universitário como aquele em que os estudantes – aspirantes a verdadeiros cientistas – serão treinados para agirem como sonâmbulos. Ela também destaca a posição da mulher nesse processo de formação voltado à uma ética masculina de 'conquista do conhecimento' (Ibid., p.33):

> *Mais si elle resiste, c'est seulement parce que les filles peuvent désormais y obtenir lês diplômes qui leur permettrons de gagner leur vie. Mais qu'elles évitent d'y faire carrière dans les professions qui promettent prestige et influence.*

Percebe-se através da análise dos artigos da *Revista Farmacêutica* e da *Revista Farmacêutica e Odontológica* um estímulo para que as jovens em busca de instrução procurem se integrar ao corpo de estudantes da Escola de Farmácia e Odontologia. Este estímulo obteve resultados interessantes, principalmente se considerarmos as matriculadas em 1903[14]: dos 166 alunos inscritos em farmácia, 25 eram mulheres (15%) e em odontologia dentre os 46 matriculados, havia 11 alunas (23%).

Em artigo publicado, em outubro de 1898, observa-se que o estimulo à formação de mulheres em Farmácia, explicita-as como colaboradoras ilustradas e relaciona o preparo de medicamentos à receita de um doce (REVISTA FARMACÊUTICA[15], 1898, p. 141):

> A Escola de Farmácia pode também proporcionar à mulher brasileira mais uma aptidão à sua inteligência, mais um ramo de vida às suas justas aspirações. A eterna e boa companheira dos nossos dias, que já nos correios e nos *telefonos* tem tido ocasião de provar as suas aptidões, pode também aproveitar a profissão de farmacêutico

[14] *Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia de São Paulo*. In: Revista Farmacêutica e Odontológica, vol: 07, n.12, dezembro de 1903. P. 187-189.
[15] *Acta da 1ª reunião* In: Revista Farmacêutica, vol. 04, n.06, outubro de 1898. P. 139-141.

> colaborando conosco nos progressos do espírito humano. Quem melhor, pergunta o orador, poderia adoçar uma pílula.

A relação de submissão presente no trecho acima também se apresenta na maneira como o farmacêutico é concebido na hierarquia das profissões em saúde. Conforme se verifica em publicação da *Revista Farmacêutica* abordando o caso de casamento entre um médico e uma farmacêutica na França[16] (REVISTA FARMACÊUTICA[17], 1898, p.153):

> Em tais condições hão de forçosamente se dar inúmeras uniões entre membros das suas profissões que reúnem tantos interesses comuns: medicina ativa, ousada, mais particularmente destinada ao homem, e a farmácia, sedentária, meticulosa, é apropriada à mulher.

Em meio a esta discussão da relação submissa das práticas farmacêuticas, situa-se uma interessante questão de gênero, na qual o médico é considerado o grande protagonista do avanço científico enquanto o(a) farmacêutico(a) se restringiria ao papel de auxiliar ilustrado(a).

Embora não se observe a presença de mulheres na *Sociedade Farmacêutica Paulista*, as interfaces entre a questão de gênero e a Farmácia se mostram presentes nos discursos que abordam a criação e manutenção da *Escola de Farmácia*. A farmacêutica é citada como plenamente capaz de administrar uma farmácia e preparar medicamentos, porém, apesar dos artigos citarem uma questão progressista que envolveria a profissionalização de mulheres, a vinculação entre o feminino e o lar se mantém (REVISTA FARMACÊUTICA[18], 1899, p. 176):

> É tempo de dilatarmos os horizontes para a atividade da mulher, dar-lhes profissões mais liberais, mais intelectuais, mais e melhores elementos para a luta da vida. Dirigir seu lar; dirigir sua farmácia e acalentar seus filhos, poderá a mulher fazer com aquilo doce energia, com aquela rigorosa brandura.

---

[16] As associações de farmacêuticos do período condenavam veemente que o médico indicasse o profissional que prepararia o medicamento receitado, sendo assim, esse artigo discutia a legitimidade deste tipo de união, na qual o médico poderia indicar aos pacientes que comprassem medicamentos na farmácia de sua esposa.

[17] QUEROZ, Luis Pinto de. *Interesses Profissionais* In: Revista Farmacêutica, vol. 01, n. 03, 15 de julho de 1895. P.152 - 153.

[18] *Escola Livre de Pharmacia de S. Paulo Sessão de Instalação realizada 11 de fevereiro de 1899.* In: Revista Farmacêutica, vol. 04, n.10, 15 de fevereiro de 1899. P. 174-179.

Ao se analisar as atas da *Sociedade Odontológica Paulista*, publicadas pela *Revista Odontológica* a partir de 1903, destaca-se a presença de seis mulheres que mantinham consultórios na região central da cidade de São Paulo [19]. A presença dessas associadas, a veiculação de seus discursos pelas atas publicadas, assim como sua atuação profissional evidenciam a agência dessas dentistas no processo coletivo de estabelecimento da Odontologia como portadora de uma ética científica (STENGERS, 2013) e integrada em rede (LATOUR, 2004).

Em discurso proferido em dezembro de 1905 e publicado pela *Revista Odontológica Paulista* em fevereiro de 1906, a dentista Clymente de Andrade destaca a trajetória da Odontologia até aquele momento, frisando que esta profissão pouco a pouco se separou de habilidades mecânicas, tornando-se, assim, uma atividade racional e científica. Andrade inicia seu discurso colocando a importância da Odontologia para a saúde do cidadão, bem como, da criança ["(...)*essas inquietas criaturinhas* (...)"], e em seguida destacou as vantagens da presença de mulheres nesse ofício (REVISTA ODONTOLÓGICA[20], 1906, p.07-08):

> Quem melhor que a mulher, que está mais acostumada a aturar essas inquietas criaturinhas, acharão meios audaciosos e prontos, para a execução de trabalhos na boca desses adoráveis manhosos, de que a maioria dos dentistas tanto se queixa

Clymente de Andrade também defendeu que o exercício da Odontologia pela mulher não significaria a traição ou perda das habilidades consideradas naturalmente femininas: "Ficai certos, também vos digo, de que, por se entregarem ao estudo das artes e das ciências, não perderão elas os caracteres próprios, e portanto não deixarão de ser boas esposas, mães, filhas ou irmãs extremosas. " (Ibid., p.10). Em seu discurso, Andrade considera a Odontologia uma ciência a serviço da família e da criança, nesse sentido, a dentista defende que a presença da mulher nessa profissão não apresentaria uma perversão de sua natureza, voltada ao cuidado.

A Odontologia - por possuir mulheres atuantes em sua sociedade científica – possui artigos interessantes para se analisar a agência das dentistas na conformação de objetos e saberes próprios à Odontologia. Destaca-se também o discurso de Vera Andrade à *Sociedade*

---

[19] Foram citadas: Dona Catulitia Ribeiro, D. Brites Álvares, D. Clymente de Andrade, D. Vera Andrade, D. Maria Augusta Nogueira e D. Deolina Bigale. *Lista dos Sócios da Sociedade Odontológica Paulista inscritos até 30 de novembro de 1905*. In: Revista Odontológica Paulista, vol. 01, n. 04, novembro de 1905. P.30-32.

[20] ANDRADE, Clymente. *Conferência feita pela distinta Cirurgiã Dentista D. Clymente de Andrade, no dia 27 de Dezembro de 1905*. In: Revista Odontológica Paulista, vol. 01, n. 05, fevereiro de 1906. P.01-10.

*Odontológica Paulista*, publicado pela *Revista Odontológica Paulista* em julho de 1906 (REVISTA ODONTOLÓGICA[21], 1906, p.01): "A amável e cativante acolhida que dispensastes à minha irmã, a primeira e única representante do meu sexo que até hoje ocupou essa tribuna, deu-me ousadia bastante para submeter à vossa apreciação este trabalho que ora vou ler". Vera Andrade abordou em sua exposição a utilidade do dentista ao Direito, atuando como perito tanto em questões relativas ao foro civil quanto ao criminal. Em relação ao primeiro, a autora destacou importância do dentista em exames como os pré-nupciais: "A lei que rege esse ato faculta, entre nós, aos interessados, o exame prévio dos nubentes, a bem da procriação duma raça forte e sadia. O dentista mais do que ninguém ao lado do médico deveria ser o perito escolhido." (Ibid., p.03).

Os artigos analisados acima procuram delimitar como a Odontologia – enquanto área científica - poderia auxiliar o progresso da Primeira República. Ambas destacam a ligação direta entre a saúde bucal e a formação de populações sadias, sendo que Clymente de Andrade coloca a necessidade de se atentar ao público infantil, destacando, assim, a vantagem em se obter mulheres nessa profissão. Vera Andrade, por sua vez, aborda um aspecto importante nas discussões de sua época: a Eugenia e a Antropologia Criminal, pontuando de que maneira a Odontologia poderia auxiliar o Estado, aconselhando matrimônios entre indivíduos sadios e demarcando qual seria a constituição dentária dos criminosos.

A postura altruísta e neutra evocada pelos trechos citados acima se relaciona à credibilidade que farmacêuticos e dentistas querem conferir à sua prática profissional (STENGERS, 2013), pois cientistas respeitáveis seriam aqueles que colocariam à margem suas vontades e vícios, sendo fiéis às evidências da natureza e fortalecendo a família republicana.

Nesse sentido, percebe-se de que maneira a entrada e atuação das mulheres em Farmácia e Odontologia estabelece uma perturbação em relação à postura ascética esperada do cientista – purificação e sonambulismo (STENGERS, 2013). Enquanto em um primeiro momento, elas aparecem como auxiliares ilustradas, posteriormente elas mesmas veicularam discursos sobre o que seria a Odontologia e qual seu papel para a saúde pública na Primeira República. Embora, a princípio, tais estudantes estivessem sendo chamadas para compor áreas 'secundárias' e 'subordinadas', elas utilizaram-se estrategicamente dessa posição marginal e

[21] ANDRADE, Vera. *Conferência feita pela distinta Cirurgiã Dentista D. Vera de Andrade, no dia 03 de julho de 1906*. In: Revista Odontológica Paulista, vol. 02, n. 07, julho de 1906. P.01-09.

infiltraram-se nesse processo de individuação e estabelecimento de redes. Tal aspecto pretende ser esmiuçado ao longo da pesquisa de mestrado.

***Conclusões Preliminares***

Este trabalho buscou apresentar a institucionalização da Farmácia e Odontologia em São Paulo – na Primeira República – enquanto processo genderizado, em rede e envolvido com o estabelecimento de uma identidade profissional. Tais setores buscaram estabelecerem-se enquanto grupo autorizado a falar em nome da natureza (de forma neutra), por meio de alianças com humanos e não-humanos (LATOUR, 2004), fundando sociedades científicas e divulgando suas propostas nos periódicos especializados.

Em um primeiro momento, fora necessário conformar uma aliança junto aos setores médicos, a fim de diferenciarem-se das práticas de cura populares. Porém afastar-se da Medicina foi necessário para que farmacêuticos e dentistas iniciassem a criação de uma identidade profissional específica e diretamente engajada com as proposições da saúde pública republicana.

Esta pesquisa considera a presença de mulheres nessas profissões - por meio de seu acesso à *Escola de Farmácia e Odontologia* - enquanto aspecto constituinte na configuração dos aliados, saberes, práticas que tais setores visavam estabelecer. Por meio dos artigos analisados, demonstrou-se como as questões e os problemas envolvendo o gênero relacionaram-se à posição hierárquica, à institucionalização e ao papel político e científico que a Farmácia e a Odontologia ocuparam entre as práticas de cura, em meio ao processo de modernização instituído na Primeira República.

***Bibliografia***

FOUCAULT, Michel. *O Sujeito e o Poder* in RABINOW, P. & DREYFUS, H. Michel Foucault – Uma Trajetória filosófica (Para além do Estruturalismo e Hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

_____. Arqueologia do Saber. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2012.

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. Ciência em Ação. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. Medicinas Secretas magia e ciência no Brasil Setecentista. In: CHALHOUB, S. (org.) Artes e Ofícios de Curar no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *A mulher no discurso médico e intelectual brasileiro. In: Visões do Feminino a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2004.*

MELO Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. Notas para a História da Educação: Considerações acerca do decreto nº 7.247, de 19 de Abril de 1879, de autoria de Carlos Leôncio de Carvalho. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, junho de 2009, n.34.

MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical Sociedade e cultura de elite no Rio De Janeiro na virada do século*. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. História Ciências Saúde Maguinhos, vol. 11, suplemento 1, 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. pp. 21. Texto Original: Gender a Useful Category of Historical Analysis. New York: Columbia University Press, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. Cosac Naify: São Paulo, 2010.

SILVA, Márcia Regina Barros da. Revistas Médicas Paulistas e a Nova realidade Republicana. In: Práticas Médicas e de Saúde nos municípios paulistas: a História e suas interfaces. In: MOTA, A. e MARINHO, MGSMC. (org), São Paulo; Coleção Medicina Saúde e História, 2011.

_____. *O Laboratório e a República: saúde pública, ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo (1891-1933).* FioCruz: Rio de Janeiro, 2014.

SLOTERDIJK, Peter. Esferas II: Globos. Macrosferología. Tradução: Isidoro Reguera. Barcelona: Siruela, 2004.

STENGERS, I. *L'Étoffe Du Chercheur. In:* Une autre science est possible! Manifeste pour un ralentissement des sciences. Paris: La Découverte, 2013.

ROHDEN, Fabíola. U*ma ciência da diferença sexo e gênero na medicina da mulher.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Nem tudo Era Italiano: São Paulo e Pobreza (1890 – 1915). São Paulo: FAPESP, 2008.